

# HEMORROÍSSA: OUSADIA, CORAGEM E FÉ

Vera Mazurek

O interesse pelo episódio da mulher hemorroíssa, é despertado por algumas questões:

- 1) O fato ocorre dentro do relato da cura da filha de Jairo, ou seja, parece ser inesperado.
- 2) A mulher não tem nome, é identificada pela sua doença.
- 3) Ela toma a iniciativa da própria cura, ou seja, “rouba” a atenção de Jesus.
- 4) Ela assume o que faz publicamente.

O exercício de exegese aclara situações descritas no texto, e permite *ouvir* a intenção do autor, verificar que opções éticas e doutrinárias podem ser reafirmadas. Ainda, optando pelo viés da leitura popular da Bíblia e de gênero, fornecer subsídios para que adentremos no texto da cura da hemorroíssa, no Evangelho de Lucas. Foi a suspeita presente na metodologia feminista que me apontou para as questões, que direcionam o trabalho. Porque esta mulher é anônima, ou porque ela não tem nome (já que toma a iniciativa de algo tão comprometedor, pois seu gesto, seu toque, tornaria Jesus impuro).

Num primeiro momento, abordamos questões mais gerais a respeito de mulher. Ou seja, as exigências legais relativas a mulheres, numa tentativa de resgatar a origem das mesmas e sua presença na vida das mulheres do tempo de Jesus. A seguir, dentro destas exigências, apontamos as ações realizadas por mulheres. Como agem, que tipo de ações são executadas por elas, para então abordar a força feminina na tomada de decisões, uma vez que a Hemorroíssa, se mostra corajosa e ousada.

Num segundo momento, nos debruçamos sobre o texto, com algumas ações específicas: Crítica Textual, Análise Literária e Análise da Redação. A seguir, buscamos as razões da inserção da narrativa dentro da cura da filha de Jairo, e que razões fazem com que baste tocar a orla do manto para que a mulher fique curada. Na verdade, a mulher toca no poder. E o poder a transforma, por causa de sua fé, ou por sua coragem, ousadia, da sua não conformidade com a “lógica” social. Ela não se acomodou na situação, mas buscou sempre resolver o problema que a maltratava. Não se deixou vencer pelos limites, enfraquecer com as quedas. Acreditou. Acreditou que a cura seria possível. Consciente, ultrapassou a barreira da Lei e assumiu sua posição. Não sem medo, mas na franqueza de quem sabe o que fez e porque fez. O que era pior: infringir a Lei, ou continuar excluída da sociedade? Aliás, quando dizemos *Sociedade* dá a impressão de superioridade, o que, no entanto, entendemos ser necessário todas as pessoas serem respeitadas, reconhecidas com direitos e deveres, a partir de onde estão vivenciando situações diversas, decorrentes de suas relações, de família, vizinhos, trabalho, saúde,

educação e economia; enfim, de tudo mais que inclui a vida humana. Que Lei é esta que impede as pessoas de recuperarem sua dignidade? Ela crê na sua dignidade e que o limite, imposto pela Lei, precisa e pode ser superado. Este teria sido o motivo para que assumisse publicamente, de forma a proclamar em alta voz o que lhe acontecera? O que mais desejava esta mulher?

São estas questões, que feitas a partir da realidade hoje, fazem nos sentir hemorroísa: Há situações que encorajam a *tocar por trás*, que fazem interromper uma conversa com alguém “mais importante que nós”. Com certeza, uma caminhada intrigante, desafiadora e estimuladora.

### **Exigências legais relativas à mulher**

“Mulher e homem, pessoas diferentes, iguais. Mulher e homem, superioridade, jamais...”<sup>1</sup>, é o pensamento de Teresinha da Cruz, que põe início neste escrito. A verdade é que a vida das mulheres tem sido escrita com os mais diferentes sentimentos e experiências. São palavras de dor, sofrimento, falta de justificativas, como ser de segunda, terceira categoria; isto é, não ter valor nem ser considerada. Outra face desta moeda é ser considerada com desprezo, como objeto de troca, de luxo, incapaz de pensar por si, ou, pelo fato de gerar nova vida em seu ser, estar tão cercada de mistérios, que precisa de leis especiais que a mantenham sob controle (Lv 12,4). A mulher, de modo especial, sempre marcou presença na história da salvação. Ao voltar nosso olhar sobre o episódio da hemorroísa, queremos também resgatar rapidamente aspectos importantes na história da presença feminina, suas leis e seus mistérios. A partir da leitura feminista da Bíblia, queremos, permitir novas relações, tão conhecidas e tão novas, tecer redes celebrativas que fortaleçam a presença da divindade.

A vasta abrangência da lei da pureza inclui rituais em torno da sexualidade, menstruação, parto, fluxos de homens ou de mulheres. Existe ainda o fato de assemelharem-se os termos utilizados em relação a cultos estranhos e impureza sexual, como, por exemplo, a Hipóstese dos Arcontes – a deusa Árvore, que precisou ser eliminada para que o Deus único pudesse se firmar<sup>2</sup>. Assim há contextos ligados a antigos tabus, mas, outros que dizem respeito à rejeição de práticas culturais estranhas.

É no texto de Lv 12,2-5 que encontramos a regulamentação da purificação. Entendemos estar, aí, a raiz das leis de pureza, que incluem aquelas relativas à mulher. Assim, se nascer um menino, a impureza é de sete dias e no oitavo ocorre o ritual de circuncisão. A mulher permanecerá ainda por 33 dias “no sangue da purificação”<sup>3</sup>. Já se nascer menina, o período de impureza é de 14 dias, e como não há circuncisão, a mãe ficará ainda 66 dias no “sangue da purificação.”

Uma das explicações para o período de purificação da menina seja o dobro é de que a menina é mãe em potencial e, sendo mulher, vai menstruar. É Lv 15 que trata so-

1. Do canto “Mulher e homem” de autoria de Teresinha da Cruz.

2. OTTERMANN, Monika. Vida e prazer em abundância: a deusa Árvore. *Mandrágora*, n. 11, p. 47-53.

3. NEUFELDT, Elaine Gleici. *Fluxos e Poderes*. São Leopoldo, 2001.

bre os fluxos normais e anormais nos homens e mulheres. Considera que pelo fato de que a menstruação acontecer sempre, independe do “querer” da mulher, enquanto que a perda de sêmen pode ser controlada. Todo o que nela tocar, o local onde se deitar, as roupas de cama, os locais onde se sentar se tornarão impuros, de modo que aquele que tocar neste objeto também se tornará impuro. Se o homem tiver relações sexuais com uma mulher menstruada tomará sobre ele a impureza, que durará 7 dias. No v. 25 do Levítico, o texto refere-se ao fluxo que não seja de menstruação.

### **As mulheres no evangelho de Lucas**

Os Evangelhos foram escritos com a finalidade de manter a fidelidade das comunidades a Jesus. Por isso tem características próprias, pois representam a fé militante das primeiras comunidades na pessoa e projeto de Jesus. Lucas deixa claro, desde o início, o que quer com o Evangelho: 1. Verificar e confirmar a solidez da fé. 2. Que os destinatários são os Teófilos, (expressão típica do mundo grego que significa amigos de Deus). 3. O assunto são os acontecimentos da vida de Jesus, o método usado é o estudo cuidadoso e a pesquisa. 4. Cita também suas fontes de pesquisa: as tradições orais e escritas, testemunhos de confiança e outras fontes.

Luiz Mosconi faz seis constatações:

1. O uso da palavra cidade, pois é na cidade que moram os donos do poder.
2. De um lado estão os ricos e sua fartura, de outro estão os pobres, famintos, aflitos e perseguidos.
3. Lucas usa muito o termo multidões.
4. Demonstra preocupação com a fome, pois fala muito de pão, comida, banquete, fome.
5. A atenção às mulheres, indicando haver desprezo e marginalização das mesmas nas comunidades, bem como significativa presença.
6. Lucas acrescenta aspectos que demonstram uma comunidade desanimada<sup>4</sup>.

Assim se conclui que a comunidade era de periferia de grande cidade, onde o contraste social, a exploração e marginalização são mais graves.

Na periferia, conseqüentemente, encontramos a mulher mais submissa aos homens, como objeto, sem participação tanto na vida social, como familiar ou política. Assim, a mulher não participava de decisões importantes. Nem mesmo na família elas têm poder, estão no mesmo nível dos escravos. Lucas aponta para novas relações entre homens e mulheres com Jesus quebrando barreiras, preconceitos, transformando profundamente, defendendo a dignidade das pessoas.

A misericórdia de Deus tirou Isabel da humilhação pública, tornando-a mãe (Lc 1,25). Segundo as tradições dos judeus, a esterilidade era considerada desonra

4. MOSCONI, Luiz. *O Evangelho Segundo Lucas*, p. 30.

(Gn 30,23; 1Sm 1,5-8) e até mesmo castigo (2Sm 6,23; Os 9,11). A profetisa Ana, viúva de idade muito avançada, é o símbolo do povo pobre que, sem desanimar, espera por libertação (Lc 2,36-38). Uma das primeiras ações solidárias de Jesus foi a favor da sogra de Simão, que estava doente (4,38-41). Jesus sentiu compaixão pela viúva de Naim, que acompanhava seu único filho, agora morto, para o enterro (7,13-15). A vida de uma mulher viúva sempre foi muito sofrida e humilhada (Dt 24,17; Is 1,17; 10,2; Jr 7,6). Jesus ressuscitou a filha única de Jairo, chefe da Sinagoga (Lc 8,40-42.49.56). Devolveu a saúde a uma mulher doente. Não só a saúde, mas também a dignidade de gente (8,43-48). Curou em dia de sábado uma mulher encurvada, incapaz de endireitar-se (13,10-13). Louvou a luta insistente da mulher, que queria vingar seus direitos (18,1-5). Valorizou a oferta da viúva pobre, oferta muito mais significativa de que a dos ricos (21,1-4)<sup>5</sup>.

À mulher que toca sua veste, Jesus não repreende, mas elogia sua fé. Ele desperta esperanças, o povo louva a Deus por isso e confia em Jesus.

A escolha do texto de Lucas indica algumas questões: Ele é o que mais cita mulheres. Constatamos 24 mulheres agindo e 10 que são citadas porque fazem parte da história. Por outro lado, a omissão de alguns eventos importantes como, por exemplo, a presença de mulheres na genealogia de Mateus, a mulher que unge Jesus em Betânia, citada por Marcos e serem consideradas verdadeiras teólogas por João, entre outras. Adela Ramos dá indicativos importantes que caracterizam a presença feminina em Lucas. Ela aponta para “pares feminino-masculino”<sup>6</sup>, como nos relatos da infância. Neste sentido, dentro do relato da cura da hemorroíssa, queremos destacar que: O pai intercede pela filha e Jesus chama de filha à mulher que “rouba” o milagre<sup>7</sup>. Nesta alternância de masculino-feminino, as mulheres aparecem como protagonistas em situações de cura, controvérsia, milagre, conversão, anúncio, parábolas, cantos, profecias.

Às mulheres que seguem Jesus e seu movimento, e os servem com serviços e bens, Lucas atribui o fato de as mesmas terem sido curadas de espíritos maus ou de enfermidades<sup>8</sup>. As mulheres estão associadas ativamente à missão itinerante de Jesus através de cidades e aldeias, são beneficiárias e testemunhas do anúncio da boa notícia do reino de Deus (Lc 8,3). Nos dois livros de Lucas, as mulheres estão presentes no anúncio da paixão, na crucifixão, no sepultamento, na vinda do Espírito Santo. Indubitavelmente, momentos fundantes do anúncio da Boa Nova. Conforme Adela Ramos, não para desacreditar as mulheres, mas para mostrar que foi difícil acreditar na notícia da ressurreição é que ocorre a rejeição do anúncio que elas fazem pelos homens. Em Lucas, as mulheres tomam a iniciativa de levar e difundir a notícia<sup>9</sup>, e não há contradição com os outros evangelhos, pois Marcos se refere ao medo das mulheres. Mateus, fala da pressa delas em levar a notícia e Lucas classifica o ato das mulheres como lou-

5. MOSCONI, Luiz. *O Evangelho Segundo Lucas*, p. 50.

6. RAMOS, Adela. *As mulheres no Evangelho de Lucas*, p. 81.

7. TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus*, p. 54.

8. RAMOS, Adela. *As mulheres no Evangelho de Lucas*, p. 84.

9. RAMOS, Adela. *As mulheres no Evangelho de Lucas*, p. 87.

cura, porém, quando João relata a descrença de Tomé (Jo 20,25), vemos que ele exige provas materiais para crer na ressurreição. Portanto o fato da descrença no anúncio mostra mais a falta de fé dos discípulos que consideração às mulheres<sup>10</sup>.

A partir das características das mulheres que o seguem, Jesus faz uso do verbo *epistemo*. O verbo é utilizado em outros textos para indicar a cura de demônio; logo, entende-se que para Lucas a febre da sogra de Pedro está relacionada à presença de algum demônio<sup>11</sup>.

1. A cura da sogra de Pedro, não é um simples ato de cura, mas enfatiza a autoridade de Jesus, que neutraliza a força demoníaca.
2. Das mulheres que servem Jesus e seu movimento com seus bens Lucas fala mais em Atos, onde dá maiores detalhes. Jesus é o mestre e chama a atenção para que Marta também escute a palavra, pois esta é a condição para se chegar à fé ou aperfeiçoá-la.
3. É no caminho do Calvário que é superada a condição de mulheres que “acompanham” chorando e se lamentando, pois Jesus as trata como discípulas instruindo acerca do preço do seguimento, enquanto os “discípulos” homens estão invisíveis<sup>12</sup>.
4. Anunciadoras da Boa Notícia: Ana, a idosa profetisa que além de testemunha, vê em Jesus a Salvação, passa a ser conhecida como aquela que falava do menino aos que esperavam a Salvação<sup>13</sup>.
5. Comparada a Zacarias, Maria acredita e solta a voz, ao receber a visita do anjo que nos dois casos se identifica e anuncia que ela vai ser mãe. Maria fala do grande empecilho: “não conhece homem” e o anjo lhe diz que é obra de Deus. Maria acredita e no encontro com Isabel, nasce o Magnificat. Zacarias igualmente recebe a notícia que vai ser pai, expõe o principal empecilho: a velhice, o anjo, como para Maria, lhe diz que é obra de Deus. Ele continua desacreditando e é punido com a mudez.

### **A voz feminina nas decisões**

Olhamos para o Evangelho de Lucas e para as mulheres que aparecem exercendo alguma ação. Para isto observamos os verbos. Isabel, a esposa reclusa por causa da gravidez em idade avançada, *recebe* Maria e nela *reconhece* a presença do Messias. Uma mulher de fé, capaz de entender os “pulos” da criança em seu ventre. Observando Isabel, nos encontramos com a ideologia que discrimina os idosos<sup>14</sup>. Ainda, o conteú-

10. RAMOS, Adela. *As mulheres no Evangelho de Lucas*, p. 88.

11. RAMOS, Adela. *As mulheres no Evangelho de Lucas*, p. 90.

12. RAMOS, Adela. *As mulheres no movimento de Jesus*, p. 89.

13. REIMER, Ivoni Richter. E a salvação se faz corpo. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)*, n. 44, 2003, p. 44.

14. REIMER, Ivoni Richter. E a salvação se faz corpo, p. 49.

do da fala de Isabel e de seu cântico profético é de denúncia da situação social em que vivem e o anúncio do novo que vem com o Magnificat de Maria<sup>15</sup>. Maria, ao receber a visita do anjo, questiona, acredita e vai apressadamente até a casa da prima citada pelo anjo. Solta a voz para proclamar quem é Deus, o seu Deus. Ivoni Reimer chama a atenção para o fato de somente Lucas utilizar a palavra *parthenos* para caracterizar Maria. Este termo pode significar jovem apta para o casamento. A moça não tocada sexualmente por homem. Na LXX, *parthenos* equivale a *betulah*, que no geral significa menina-moça. (não tocada sexualmente). E por duas vezes equivale a *'almah*, que significa moça não casada, mas em idade fértil.

Também aparece como a moça violentada, então pode se pensar a partir daí na moça que até a concepção não foi tocada por homem. Em Maria, se ressaltou a virgindade que no Evangelho expressa não um ser, mas relação dinâmica. Maria personifica os pobres que depositam sua confiança no Senhor. Maria se torna sujeito de sua história após refletir, decidir e participar<sup>16</sup> e se coloca a serviço do Deus que liberta, recria e constrói história em diálogo com os corpos de mulheres e homens. No encontro com Maria, a ex-estéril Isabel reconhece e bendiz Maria pelo fruto de seu ventre. A dinâmica do movimento e da ação das mulheres rompe as barreiras e atua independentemente dos homens. É o protagonismo das mulheres<sup>17</sup>.

Ana é a mulher profetisa do Templo, que reconhece o Messias numa criança e anuncia a todos a notícia. Se Ana está no Templo e profetiza, logo concluímos que as mulheres também exerciam a função de profeta.

Esse protagonismo das mulheres vemos até em Herodíades, que pede a cabeça de João Batista (Lc 3,19; 9,7-9). Fato esse que nos faz perceber a força da mulher no poder, pois o Rei não cumpriria tal “pedido” simplesmente para “agradá-la”.

Vera Maria Immich<sup>18</sup>, cita os Atos de Pilatos onde não só aparece o relato da cura, mas também o testemunho da mulher que por ocasião da condenação de Jesus à cruz, as pessoas curadas por ele teriam ousado enfrentar Pilatos, anciãos e sacerdotes, para defendê-lo, declarando as obras de Jesus. Dos testemunhos apresentados, quatro são de homens, e um deles é de uma mulher de nome Berenice (Verônica) que gritou de longe, pois às mulheres não era permitido participar da vida pública. Seu testemunho, portanto, é inválido legalmente. Lucas apresenta, como os demais sinóticos, a mulher interrompendo a caminhada até a casa de Jairo, o apócrifo, segundo Vera Maria, omite este fato, coincide apenas que a mulher “toca a veste de Jesus”. Este fato faz “suspeitar” que esta mulher pode não ser uma simples anônima na multidão, mais adiante, Vera Maria afirma mais uma vez que a mulher não é tão anônima: “De dentro da multidão, simbolicamente representando-a ou usando-a para ocultar-se entra em cena uma mulher...”, cujo nome é ignorado pelos três evangelistas. No entanto, como vimos anteri-

15. REIMER, Ivoni Richter. E a salvação se faz corpo, p. 48.

16. REIMER, Ivoni Richter. E a salvação se faz corpo, p. 57.

17. REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo sobre o teu coração*, p. 68.

18. IMMICH, Vera Maria. *Mosaicos da Bíblia*, p. 17.

ormente, a tradição apócrifa denomina a mulher de Berenice (Verônica) e a considera uma das seguidoras de Jesus. Ela dispunha de bens, pois “gastara com médicos seus haveres; a mulher casada ou solteira não tinha acesso a bens, mas a viúva ou repudiada, sim, pois neste caso seria indenizada com o valor estipulado no contrato de casamento. O fato de o relato estar dentro da cura da filha de Jairo, que tem doze anos, e a mulher estar há doze anos com hemorragia, nos faz levantar a seguinte suspeita: Seria esta mulher, a mãe repudiada da menina que depois de curada, assume novamente seu lugar de mãe?

Os “pares” masculino e feminino do estilo de Lucas, propõe-se harmonizar, combinar, opor e/ou contrastar elementos estilísticos, estruturais, temáticos, conceituais ou os personagens de um relato. Mulheres e homens aparecem em alternância como protagonistas em relatos variados. Estes pares surgem da coordenação de dois termos, justaposição de enunciados, na mesma perícopa, na correlação formal temática. Junto aos Doze, está um grupo de mulheres às quais Jesus dá nome, pelo menos a três delas, como diz Adela Ramos<sup>19</sup>.

As mulheres estão ativamente associadas à missão itinerante de Jesus através das cidades e aldeias e são beneficiárias e testemunhas do anúncio da boa notícia do reino de Deus. Elas marcam presença nos momentos mais importantes da missão de Jesus e depois, na espera do Espírito Santo.

### **Dentro da cura da filha de Jairo, um parêntesis**

Vamos explorar um pouco as possibilidades quanto ao fato de o relato da cura da filha de Jairo (o chefe da Sinagoga) ser interrompido pelo da hemorroíssa. Dionísio Mínguez<sup>20</sup> diz que somente mais tarde os textos se fundiram e não como se acreditava que a narração relata o que teria ocorrido na realidade. E a razão da fusão dos textos seria por uma justaposição temática: um intervalo entre o pedido de Jairo e a chegada de Jesus à casa é um recurso literário que permitiu que a menina morresse. Passando assim da simples cura para uma ressurreição. Mínguez argumenta ainda que há diferenças no aspecto gramatical. Assim, na ressurreição da menina predomina o presente histórico e as frases são curtas, com poucos participios. Já a narração da cura da mulher tem aoristos e imperfeitos, muitos participios e frases compridas. A inserção já aparece em Marcos; logo, Lucas que o utilizou como fonte, apenas o seguiu. Ressuscitar implica num retorno à vida anterior e ao entrar onde estava a menina morta, Jesus escolhe as pessoas que podem entrar: Pedro, João e Tiago, assim como os pais da menina, sem fazer referência específica à mãe.

Os episódios unidos querem mostrar a força de Jesus sobre a doença e a morte, ligado à ressurreição do filho da viúva de Naim. Lá, o filho e a mãe, aqui, a filha e o pai. Ainda é importante destacar a relação entre fé e salvação. A fé é a confiança no

19. RAMOS, Adela. As mulheres no Evangelho de Lucas, *RIBLA*, n. 44, p. 81.

20. RAMOS, Adela. As mulheres no Evangelho de Lucas, p. 86.

poder e força de Jesus. A libertação e a salvação não podem prescindir da fé (tradução própria)<sup>21</sup>.

Para Josep Rius-Camps<sup>22</sup> a menina é a figura do povo de Israel, submetido à Sinagoga e à tradição religiosa judaica e vê suas esperanças frustradas; e Jairo, que ama o povo mais que a instituição, rompe o legalismo e reconhece que Jesus pode ajudar e pede-lhe que volte à Sinagoga. Assim, a mulher também é a figura de Israel, que para conseguir a cura precisa desembaraçar-se da Lei. A mulher, que se livrou definitivamente da Lei, explica para Israel qual a atitude deverá tomar para conseguir a verdadeira fecundidade.

### **Basta tocar a orla do manto**

Tocar a orla do manto é mostrar que se o judaísmo quer ser salvo e viver, deve abraçar a fé do Reino no qual todas as pessoas sejam bem tratadas, tanto a mulher que não tem ninguém pensando nela, como a menina que tem seu pai para interceder por ela. Jesus põe no mesmo nível a mulher empobrecida e o chefe religioso. É a fé da mulher e não a vontade de Jesus que gera o milagre, a ponto de Jesus dizer: “Senti uma força que saiu de mim.” Para Lucas, o toque *diferente* (grifo nosso) da mulher faz sair força do mestre<sup>23</sup>. Ele não quer deixar desconhecido o fato, insiste para saber quem teria tido a coragem, fazendo com que a mulher percebesse que não passou despercebida e, tremendo, se prostrasse diante de Jesus e anunciasse diante de todos o que acontecera. Ela transforma o relato num testemunho do poder libertador, curador e purificador de Jesus para ela, e conseqüentemente, para todo o povo<sup>24</sup>. Mulher atrevida, talvez revoltada e muito corajosa. Não se resignou na sua condição, e acreditava que Jesus era maior que as leis que a proibiam de dirigir-se a um homem, ou mesmo estar entre as pessoas porque estava doente, impura e era fonte de impureza.

O toque da mulher interrompe um compromisso de Jesus com o chefe da sinagoga. Ela, “fora da lei”, marginalizada, torna-se independente da Lei, como um grito de protesto dos sem voz e sem vez da sociedade. Ela é sinal da possibilidade que a incentiva a optar pela alternativa de Jesus. Ela não se anuncia, chega por trás e toca, acreditando que isto bastaria para lhe devolver a saúde. Só é necessário *tocar*: A mulher o fez seu curador, num momento em que a atenção estava voltada para o chefe da sinagoga.

Mas o chefe que representava o legalismo que excluía esta mulher da sociedade teve que aprender da fé dela, para obter um milagre maior em sua filha. A mulher com fluxo de sangue recordou a Jesus os que também eram povo de Deus e sua ação exigiu que a multidão tivesse mais fé em si mesma/o, porque quem tem fé em si está capacitada(o) para ter fé em outra pessoa. Quem foi curada(o) está capacitada(o) a ser curadora<sup>25</sup>. É o que Vera Immich, citando o texto apócrifo dos Atos de Pilatos, diz que após a

21. MÍNGUEZ, Dionisio. *El Evangelio segun Lucas*, p. 39.

22. MÍNGUEZ, Dionisio. *El Evangelio segun Lucas*, p. 42.

23. RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas – o êxodo do homem livre*, p. 139-145.

24. IMMICH, Vera Maria. *Mosaicos da Bíblia*, p. 16.

25. REIMER, Ivoni Richter. *E a salvação se faz corpo*, p. 92.

cura, com uma energia renovada, caminha seis jornadas, até Cafarnaum, além de detalhar a sensação da cura da mulher: “Sentiu que uma força enchia o seu vazio”<sup>26</sup>.

Considerando a orla do manto como Lei, pois é na orla da veste que os judeus carregam textos da Lei, é possível olhar o toque da mulher como um toque na Lei. Toque na lei, que segundo Cícero, ratificando o androcentrismo patriarcal, diz: Todo trabalho sujo, manual, de gente humilde, de mulheres e pessoas escravas é considerado não digno<sup>27</sup>. Toque movido pela fé na palavra dos profetas, ouvida na Sinagoga, que diziam: “Quando Deus enviar seu escolhido, os cegos haverão de ver, os coxos andarão, os mudos cantarão. Os cativos serão libertados, os leprosos purificados e os pobres haverão de alegrar-se com a boa notícia<sup>28</sup>. A Lei deixou de ter importância diante da fé. As normas já não importavam mais. A Lei não lhe devolveria a vida, pois mesmo o chefe da sinagoga pedia a Jesus a cura da filha. Diante da cura, da vida nova, os riscos de ser descoberta impura na multidão e, por conseguinte, “contaminando” quem ela tocasse, que mais teria ela para perder? Posses ela já não tinha, de sua família nada se menciona, pois aqui ela é chamada pela doença. Não havia quem intercedesse por ela. Mas ela tinha o mais importante: a fé. E esta lhe dá coragem, força e ousadia para romper com a Lei, para romper com a escravidão que a doença lhe trazia. Seu toque, que quer ser oculto, lhe restaura a integridade e Jesus, chamando-a de filha, lhe confere um status superior ao dos próprios discípulos homens, que estão sem fé<sup>29</sup>.

### **O assumir publicamente a cura**

Neste título queremos abordar dois aspectos: A mulher enquanto profetisa, porque proclama o milagre, e como alguém que atende ao pedido de Jesus. A função da profetisa (do profeta) é denunciar a desobediência e injustiça, reconstruindo a relação entre o povo e Deus. Assim, a mulher, como figura de Israel, apontado pelo termo técnico “todo o povo”, usado constantemente por Lucas, bem como pelo termo “fazia doze anos” mostra a Israel qual é a atitude que deverá tomar para conseguir a verdadeira fecundidade<sup>30</sup>. Pois a mulher se liberta, rompe com a Lei, que proíbe a pessoa impura de tocar em alguém. A profecia se faz encontrar também no relato de Atos de Pilatos, onde a mulher, anônima nos sinóticos, recebe nome – Berenice/Verônica – e testemunha a favor de Jesus quando de seu julgamento, estando assim entre as seguidoras e, por conseguinte, no grupo daquelas que acompanham a caminhada do calvário. Está ao pé da cruz e possivelmente no grupo de Pentecostes. Mulher profetisa, porque denuncia o descaso para com as pessoas doentes, o isolamento e a solidão, que a lei do puro e do impuro impõe às pessoas, sem levar em conta o que realmente faz as pessoas sofrerem. Seu gesto silencioso denuncia a fragilidade do sistema de pureza que estava

26. MOYA, Márcia R. e RENARD, Helmut. A mulher que sem nome e sem homem se salva a si mesma. *RIBLA*, n. 49, p. 58.

27. REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como selo em seu coração*, p. 101.

28. HOEFELMANN, Verner. A mulher que renasceu da fé. *Estudos Bíblicos*, N. 47, P. 41.

29. IMMICH, Vera Maria. Mosaicos da Bíblia, n. 18. *Koinonia*, p. 21.

30. IMMICH, Vera Maria. Mosaicos da Bíblia, n. 18. *Koinonia*, p. 21.

à mercê da fidelidade das pessoas, pois poderia passar despercebida, e assim pensou, no meio da multidão que se comprimia, situação impensável, para alguém preocupada em cumprir a Lei. Cabe lembrar aqui que um dos “tratamentos” para as mulheres hemorrágicas era ficar numa esquina com um copo de água na mão, para que alguém chegando por trás em grande barulho, a assustasse, curando-a de seu mal. Outro “tratamento” poderia ser o de engolir um grão de cevada encontrado nos excrementos de um animal branco<sup>31</sup>. O rigor relativo às leis da pureza e impureza de um para outro fez com que a pureza ritual se tornasse um divisor social, impedindo a participação no culto. Razões estas que nos fazem crer seriam motivos para a mulher tentar ocultar-se. Bem como ao atender ao pedido de Jesus, apresentando-se e falando em público, trouxe à mostra as verdadeiras conseqüências de um seguimento cego à Lei.

É no período de reorganização da comunidade judaica, ao redor do segundo templo depois do cativo da Babilônia, que aparece a definição de mulher impura<sup>32</sup> e, por conseguinte, pecadora. Ao resgatar as leis que regiam o sistema do puro/impuro, percebemos a abrangência destas normas e o quanto as pessoas ficavam cercadas e limitadas no seu dia-a-dia por esta razão. Estas leis caminham no judaísmo, chegando ao tempo de Jesus, com um peso enorme sobre as pessoas. Ele se posiciona de modo a defender e preservar a vida que está ameaçada e enfraquecida.

Retomamos agora, os motivos pelos quais se empreendeu a pesquisa:

1. A cura da mulher doente *há doze anos* ocorre dentro do relato da cura de uma menina *de doze anos*. Constatamos que há autores que justificam o fato pela similaridade do conteúdo, isto é, os dois casos se referem à cura<sup>33</sup>. Outros entendem que a questão fundamenta-se no ensinamento de Jesus que cura: logo, seria um agrupamento com a finalidade de ensinar. Há os que encontram outras razões: a menina e a mulher são figuras de Israel, submetidas à Lei, cuja cura depende do *desvenciliar-se* da Lei<sup>34</sup>. A mulher representa o povo pobre sem ninguém por si, nem mesmo a possibilidade de alcançar a cura por meios legais. É a esta mulher que Jesus dá importância, interrompendo o cumprimento de um chamado e divulgando publicamente.
2. A identidade de mulher: Há escritos apontando a identidade de mulher. Uma testemunha no julgamento de Jesus, e ela tem nome, Berenice, e vem de um lugar, Cafarnaum. O androcentrismo mascara a “pintura”.
3. Fica evidente o esforço que a mulher fez na busca da cura, na insatisfação diante da exclusão. Ela gasta todos os seus recursos onde acreditava estar a cura, isto é, com médicos. Estes, não puderam curá-la, antes, cada vez piorava mais. O fato indica que não se resolvem problemas cuidando apenas das

31. RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas*, p. 142-143.

32. Mosaicos da Bíblia, n. 18, p. 18.

33. RIZZANTE, Ana Maria. *A mulher tremendo e temendo, caiu aos pés dele*. A opressão da mulher na época do segundo templo.

34. NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Sangue, fluxos e poderes*. Ditos e entreditos em torno do parto e da menstruação a partir de Levítico 12 e 15,19-30.

conseqüências; é preciso resolvê-los pelas causas. Aqui, outras luzes se acendem e a respiração fica presa, porque sentimos que doze anos, é apenas um número que simboliza o “sempre” que dura a luta em favor da libertação e da vida.

4. Este aspecto aponta para o último passo a que nos propusemos investigar. Assumir publicamente. Apenas Mateus não enfatiza a insistência de Jesus em saber quem o tocara. A atitude profética do anúncio dá força aos sem voz e sem vez para falar. É desejo de Jesus que seja reconhecida por todos a nova condição da mulher.

Assim, abrem-se possibilidades de leitura e releitura do texto. Abrem-se alternativas de iluminação, confirma-se o poder do toque, a eficiência da busca incessante, a necessidade da ousadia, a importância da coragem e a precedência da fé que abre portas, rompe barreiras e devolve a vida.

É surpreendente a riqueza que apenas alguns versículos possuem, independente de na origem ter sido um episódio mais marcado pelo legalismo do que pela bondade e de arrastar consigo toda a carga cultural e histórica sobre as mulheres. Hoje, este mesmo texto pode iluminar as questões que fazem temer e tremer, que fazem sangrar e morrer. E, pela fé, continuar a salvar e curar. É preciso que nos dispamos de preconceitos e limites. Portanto, é preciso coragem, ousadia e fé para transgredir a lei sempre que a vida estiver em risco.

### Referências bibliográficas

RIUS-CAMPS, Josep. *O Evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1995. p.142-143.

HOEFELMANN, Verner. A mulher que renasceu da fé. *Estudos Bíblicos*, n. 47, 1995, p. 38-41.

IMMICH, Vera Maria. *Mosaicos da Bíblia: Uma Mulher com deficiência luta contra a morte social*. São Paulo: Koinonia, 1995.

MANDRÁGORA. Revista do Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina-NETMAL, n.11, ( O Imaginário Feminino da Divindade), São Bernardo do Campo: UMESP. 2005. 109 p.

MÍNGUEZ, Dionísio, *El Evangelho segun Lucas*. Madrid: Artes Gráficas Benzal, S.A. Virtudes, 1986, p.11-51.

MOSCONI, Luiz. *O Evangelho segundo Lucas*. São Leopoldo: CEBI, 5ª edição, 2004.

MOYA, Márcia R. e RENARD, Helmut. A Mulher que sem nome e sem homem se salva a si mesma: “Mulher, tua fé te salvou”. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes, n. 49, 2004, p. 48-59.

NEUENFELDT, Elaine Gleci. *Sangue, Fluxos e Poderes – Ditos e entreditos em torno do parto e da menstruação a partir de Lev. 12 e 15.19-30*. São Leopoldo, 2001(mestrado em Teologia).

RAMOS, Adela. *As Mulheres no Evangelho de Lucas*, p. 89.

REIMER, Ivoni Richter. *Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995. Coleção Mulher ontem e hoje.

\_\_\_\_\_. *Grava-me como selo em seu coração*. São Paulo: Paulinas, 2005. Coleção Bíblia em Comunidade. Teologias bíblicas 8.

\_\_\_\_\_. E a Salvação se faz corpo – Lucas 1–2 numa perspectiva feminista. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 44, 2003, p.37-59.

RIZZANTE, Ana Maria. *A mulher tremendo e temendo, caiu aos pés dele* – a opressão da mulher na época do segundo templo.

TAMEZ, Elsa. *As Mulheres no Movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 54-61.